

EDITORIAL

Caras leitoras, caros leitores,

A *Revista de Italianística* chega ao seu quadragésimo número em um ano, por muitos aspectos, “excepcional” como foi o de 2020. A pandemia de Covid-19 nos afastou dos nossos locais de trabalho e, em especial, das salas de aula, transformando profundamente a vida de quem se dedica ao ensino e à pesquisa, nos obrigando a uma rápida adaptação a novas práticas e experiências e acelerando consideravelmente o processo, já em andamento, de um uso cada vez maior da tecnologia. Essa “excepcionalidade” está presente em dois dos textos aqui apresentados, que abordam justamente temas relacionados às tecnologias digitais, e serão descritos em detalhe mais adiante. Os demais são provenientes, em sua maioria, de uma seleção dos trabalhos apresentados no XVIII Congresso da Associação Brasileira dos Professores de Italiano (ABPI), realizado em Belo Horizonte em 2019, com o tema: “Ética e criatividade na língua, na literatura e na cultura italianas”. Entre os simpósios temáticos do congresso, os que foram dedicados a pesquisas de diferentes áreas da Linguística trataram de assuntos ligados à língua e à cultura de herança em comunidades de origem italiana no Brasil, às metodologias no ensino e na aprendizagem do italiano no Brasil, à avaliação no ensino de italiano LE/L2 e nas abordagens plurilíngues e ao léxico, visto a partir da perspectiva do uso, da compreensão, da produção e da tradução. A maior parte dos temas presentes no congresso estão também nos artigos que compõem esta revista.

Retomando a temática da herança linguística e da migração italiana no Brasil a partir de uma perspectiva histórica, os dois primeiros artigos abordam questões relacionadas aos imigrantes italianos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Rafael Scabin e Giliola Maggio (Universidade de São Paulo) refletem em sua contribuição, intitulada “Houve um dialeto ítalo-paulistano?”, sobre a origem e a natureza do fenômeno do dialeto ítalo-paulistano. O artigo discute a origem e a forma como esse fenômeno pode ser delimitado, analisando a questão tanto do ponto de vista dos brasileiros, expresso principalmente por meio da língua da personagem Juó Bananére na revista *O pirralho*, quanto do ponto de vista dos imigrantes italianos, com uma tematização da relação entre o *falar* dos imigrantes

íto-paulistanos e a representação estilizada de Bananére. O estudo de documentos jornalísticos e memorialísticos revela que o “dialeto ítalo-paulistano” do escritor foi entendido, em alguns casos, como reflexo da linguagem utilizada pelos italianos de São Paulo e, em outros, como uma criação “original”, apenas inspirada na realidade linguística local, marcada pela maciça presença italiana. As diferenças no modo como se interpreta esse “dialeto” revelam as tensões sociais das primeiras décadas do século XX no contexto da imigração italiana e como a representação linguística é associada à construção discursiva da identidade.

Vitor Gomes (Universidade Federal do Espírito Santo) também oferece, em seu texto com o título “A presença dos italianos no Rio de Janeiro: ensino, língua e cultura durante o Império e a Primeira República”, uma visão histórica ligada à presença italiana, desde a época imperial até os dias atuais, e aos fatores que a promoveram, mas, desta vez, no Rio de Janeiro. Em seu artigo, o autor apresenta dados sobre a chegada dos italianos na capital carioca e nas áreas limítrofes, concentrando-se nas regiões e províncias de origem desses imigrantes. O artigo aborda, em especial, o papel de extrema relevância que tiveram os imigrantes italianos na criação de escolas do nível fundamental e no conseqüente desenvolvimento educacional da região, utilizando como fonte os documentos regulamentadores do ensino de língua italiana para observar os reflexos das políticas no ensino do idioma, além de outros documentos que permitem relacionar a situação das escolas com a presença de imigrantes italianos.

Do ensino nas escolas do Rio de Janeiro, passamos, com os próximos três artigos, ao ensino e à aprendizagem do italiano na contemporaneidade.

Jadirlete Cabral (Universidade Federal da Bahia) traz, em seu artigo “Metodologias ativas no Curso de Italiano da UFBA: relato de experiências inovadoras”, o relato de uma experiência de sete anos com o ensino italiano mediado por tecnologias, com o qual busca compreender, dialogando com a literatura da área, o papel das tecnologias digitais no século XXI e suas implicações para o ambiente educacional, além de analisar os materiais didáticos e as dinâmicas de interação entre alunos e professores. Essa reflexão, apesar de baseada em uma experiência que começou em 2013, é hoje particularmente relevante, dado que, com a pandemia de Covid-19, muitos professores tiveram obrigatoriamente que recorrer às novas tecnologias para dar continuidade a seus cursos, em situações que foram chamadas, em muitos casos, “ensino remoto emergencial” (ERE). A autora não apenas apresenta experiências passadas, detalhando os passos e as decisões tomadas e descrevendo sua visão do aprendiz de italiano nesse contexto, como também faz sugestões e aponta para possíveis caminhos futuros, em que a sala de aula possa ser palco de inovação e de novas formas de interação social.

Trazendo uma experiência interinstitucional, **Karine Marielly da Rocha Cunha (Universidade Federal do Paraná)**, **Monique Carbone Cintra (Universidade de Évora/Università Ca’ Foscari di Venezia)** e **Tamires Bura Froes (Universidade de Évora)** apresentam em “*Ciao aqui é oi: aprendizagem de línguas e socialização online em tempos de pandemia*” a execução de um projeto de *teletandem*, com uma versão piloto em 2019 e outra edição, realizada com sucesso no primeiro semestre de 2020, no início da pandemia do Covid-19.

O relato dessa experiência entre universitários (brasileiros aprendizes de italiano e italianos aprendizes de português), implementada a partir de um convênio firmado entre a Universidade Federal do Paraná e a Università per Stranieri di Perugia, mostra como o ensino de línguas mediado pela tecnologia pôde propiciar aos alunos não só aprendizado linguístico e cultural, como também maior autonomia, além da possibilidade de estabelecer relações sociais, especialmente significativas no período de isolamento social imposto pela pandemia. A prática de conversação nas línguas de estudo, em modalidade escrita ou oral, desempenhada por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação (TIDC), foi, na avaliação dos alunos, muito estimulante para seu desenvolvimento linguístico e social.

Ainda no âmbito do ensino e da aprendizagem de línguas está o artigo de **Luciana Baraldi e Elisabetta Santoro (Universidade de São Paulo)**, “Ensinar intercompreensão entre línguas românicas: uma pesquisa exploratória com aprendizes de italiano”, o texto apresenta um estudo, conduzido em um curso de Intercompreensão em Línguas Românicas, que foi baseado na leitura e na compreensão de textos em seis línguas românicas. O curso experimental foi realizado com alunos de italiano do *Circolo Italiano di San Paolo* e os dados, coletados por meio de questionários distribuídos online, mostraram que abordar o ensino de línguas pela perspectiva da intercompreensão levou os aprendizes a reavaliarem suas crenças em relação ao ensino-aprendizagem de línguas próximas, desfazendo, em boa medida, a convicção pela qual a aprendizagem paralela de diferentes línguas românicas pode confundir porque os aprendizes poderiam “misturar as línguas”. Por outro lado, os aprendizes adquiriram importantes estratégias de leitura que poderão lhes ser úteis em seus percursos de aprendizagem, pois foi desenvolvida uma competência plurilíngue e pluricultural, que engloba todas as línguas que um aprendiz conhece e particularmente as línguas próximas.

Na prática da comunicação oral e, em geral, na aprendizagem de outra(s) língua(s), a pronúncia também é um fator decisivo para o desempenho. O artigo “De onde vem o sotaque em italiano?” de **Lúcia Fulgêncio (Universidade Federal de Minas Gerais)** se concentra nos aspectos fonéticos e fonológicos do italiano, contrastando-os com os do português brasileiro. Segundo a autora, o sotaque dos aprendizes brasileiros quando falam italiano não depende de articulação que seria exclusiva de sons da L2, pois todos eles existem também em português, mas do contexto em que esses sons aparecem e das regras fonológicas de cada língua, que podem ser inadvertidamente transferidas da L1 para a L2, dando origem a resultados que não pertencem ao idioma que está sendo aprendido. A autora descreve as peculiaridades fonéticas e fonológicas de cada uma das duas línguas com riqueza de exemplos e observações que comprovam as hipóteses sugeridas, e conclui apresentando algumas recomendações para a aplicação em contextos didáticos de italiano L2 a aprendizes brasileiros, que poderiam oferecer contribuições úteis para o ensino e a aprendizagem.

O presente número da revista aborda também questões lexicográficas específicas: o tratamento das colocações e as decisões a serem tomadas na elaboração de um dicionário de combinações lexicais em italiano. No artigo “*Dizionario di collocazioni o dizionario di combina-*

zioni? Una prospettiva user-oriented”, **Francesco Urzì (Parlamento Europeu- Tradução)** discute como podem ser definidas as colocações e mostra como, dependendo do grau mais ou menos elevado de coesão e rigidez sintática, se distribuem em um *continuum*, que vai das combinações livres às expressões idiomáticas. Além disso, o autor apresenta uma série de reflexões metodológicas com as quais se depara um lexicógrafo, como definir as entradas, distinguir combinações lexicais livres, fixas e expressões idiomáticas, estabelecer a ordem dos colocados nos exemplos, aludir ao contexto de uso de diferentes combinações e colocações possíveis, entre outras questões relevantes. Uma obra deste tipo, como lembra o autor, além de ajudar os profissionais de Línguas, pode também ser útil a aprendizes de italiano L2 e essa preocupação é expressa pelo autor ao longo de todo o artigo.

O último artigo alia a tradução de texto antigo, a lexicografia e atividades didáticas. A contribuição de **Carlos Perini (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)**, **Maryelle Cordeiro (Universidade Federal de Minas Gerais)**, **Soraya Coppola (Universidade Federal de Minas Gerais)**, **Davi Farace (Universidade Federal de Minas Gerais)** com “Léxico e verbetes da ‘Iconologia del Cavaliere Cesare Ripa Perugino’ - suas traduções para fins didáticos” aborda o processo de tradução da compilação seiscentista mencionada no título. Trata-se de uma obra singular, com característica lexicográfica, que estabeleceu parâmetros de representação imagética do conhecimento da época. Além de descrever os princípios metodológicos que a tradução de um trabalho do gênero exige, como noções de paleografia e o estudo da origem das palavras e da iconografia a elas associadas, os autores, baseando-se nas próprias recomendações de Ripa sobre a relação entre imagem e palavra, propõem uma reflexão sobre o valor literário da obra e, paralelamente, atividades didáticas para o ensino de italiano como L2/LE, com associações entre léxico e figuras, que podem oferecer ludicidade ao aprendizado e explorar as potencialidades iconográficas.

Agradecemos às e aos pareceristas, cuja contribuição foi essencial para manter a qualidade da revista: suas leituras atentas e suas sugestões permitiram não apenas selecionar os artigos, mas também aprimorar os que estão sendo publicados neste número. Nosso agradecimento também ao Rômulo Francisco de Souza por sua participação na fase inicial da elaboração e organização deste número da revista e pelo essencial papel de editor assistente que exerceu nos últimos anos, viabilizando a implementação e o aprimoramento dos procedimentos ligados à editoria digital. Pela contribuição na arte da nova capa da revista, um agradecimento especial à Sulamita Maria Mattos da Costa.

Desejamos que, trazendo novos olhares e compartilhando experiências, os trabalhos publicados na revista possam contribuir para as pesquisas da área, inspirar outras investigações e promover a constante construção do conhecimento.

Boa leitura!

As organizadoras

Elisabetta Santoro, Angela M. T. Zucchi, Adriana M. Porcellato